

A humanidade sempre construiu ferramentas para ampliar a sua capacidade de pensar, mas nunca enfrentou uma tão complexa quanto a Inteligência Artificial (IA). Entre algoritmos que aprendem e decisões que se automatizam, surge uma urgência silenciosa: a de pensar criticamente sobre o que estamos a criar. A IA não é neutra; reflete os valores, os viesamentos e as intenções humanas. E é aqui que o pensamento crítico se torna não apenas desejável, mas indispensável.

O pensamento crítico é a bússola ética e cognitiva que orienta o uso da tecnologia. Segundo Facione (2022), pensar criticamente significa interpretar, analisar, avaliar e inferir com base em evidência e raciocínio lógico. No contexto da IA, esta competência assume uma dimensão moral, porque as decisões algorítmicas influenciam a vida das pessoas, a atribuição de crédito à triagem médica. Assim, o pensamento crítico transforma-se numa ferramenta de resistência contra a passividade digital e a delegação cega de poder às máquinas (Borenstein & Howard, 2024).

A IA processa dados, mas não compreende significados. A sua “inteligência” é apenas reflexo da estrutura e dos limites da informação que recebe. A ausência de pensamento crítico humano na supervisão e interpretação dos resultados pode amplificar injustiças, viesamentos e exclusões. Floridi (2023) argumenta que a ética da IA deve centrar-se na responsabilidade partilhada entre programadores, utilizadores e instituições, garantindo que a tecnologia amplie o bem comum e não apenas a eficiência.

A rapidez da transformação tecnológica exige um novo tipo de literacia, a literacia crítica da IA, que combina conhecimento técnico, sensibilidade ética e consciência social. Siau e Wang (2023) referem que a IA não elimina a necessidade do pensamento humano; pelo contrário, torna-o mais urgente. Enquanto as máquinas calculam, os humanos devem refletir. O pensamento crítico é, portanto, o antídoto contra o automatismo cognitivo e o conformismo tecnológico.

A filosofia contemporânea da tecnologia tem insistido na importância de manter o ser humano “no centro” (*human-in-the-loop*). A expressão, usada por Bryson (2024), sublinha que as decisões automatizadas devem sempre incluir supervisão e responsabilidade humanas. Esta ideia ressoa com o conceito de “inteligência ética”, que propõe que o avanço tecnológico deve ser acompanhado por uma igual evolução moral (UNESCO, 2024).

O pensamento crítico em IA implica questionar: quem define o algoritmo? Com que dados ele

aprende? Quem é beneficiado e quem é excluído? Estas perguntas simples são, na verdade, a base de uma cidadania digital consciente. Em sociedades cada vez mais mediadas por dados, o pensamento crítico atua como mecanismo de defesa da liberdade e da dignidade humana.

Para os profissionais de saúde, da educação ou da gestão, o desafio é ainda maior. A IA está a redefinir a tomada de decisão, mas não pode substituir o julgamento ético, o raciocínio clínico ou a empatia. No domínio da enfermagem, por exemplo, a IA pode prever riscos, mas apenas o pensamento crítico do enfermeiro pode decidir o que é melhor para a pessoa, e não apenas para o sistema (Topol, 2023). A tecnologia oferece eficiência; o pensamento crítico devolve humanidade.

No contexto educativo, a necessidade de desenvolver o pensamento crítico sobre a IA é reconhecida por diversas instituições internacionais. A UNESCO (2024) defende que o ensino deve preparar cidadãos capazes de compreender o impacto ético, social e político das tecnologias inteligentes. O objetivo é que a próxima geração saiba perguntar “como funciona?” e, sobretudo, “porquê?” antes de aceitar qualquer resultado automatizado.

Facione (2022) recorda que o pensamento crítico não se limita à lógica; envolve curiosidade, abertura e humildade intelectual. Aplicado à IA, significa reconhecer que nem todos os dados são neutros e que nem toda a predição é justa. A inteligência artificial é, por definição, reprodutiva, aprende a partir do que existe. Sem pensamento crítico, perpetua os erros do passado. Com pensamento crítico, transforma-se num espelho para corrigi-los.

As implicações éticas da IA já estão presentes em todos os setores. No campo jurídico, discute-se a responsabilidade por decisões automatizadas. Na economia, debate-se o impacto da automação no emprego. Na saúde, questiona-se a relação entre algoritmos e empatia (Borenstein & Howard, 2024). Em todos os casos, o denominador comum é o mesmo: sem pensamento crítico, a IA corre o risco de se tornar uma caixa negra de poder sem rosto.

Habermas (1984) propôs que a racionalidade comunicativa deve ser orientada pelo entendimento e não pelo domínio. Esta ideia aplica-se hoje à IA: a tecnologia deve servir o diálogo e não o controlo. O pensamento crítico é, neste sentido, um ato de resistência ética, uma forma de garantir que as máquinas permaneçam instrumentos e não fins.

O desenvolvimento da IA generativa, como os modelos de linguagem avançados, trouxe novas possibilidades e também novos riscos. O seu poder de simular raciocínio e criar conteúdo obriga a uma vigilância epistemológica. Como lembra Floridi (2023), “a IA não sabe o que diz, apenas repete com elegância o que aprendeu”. Cabe ao humano discernir o verdadeiro do plausível, o ético do útil. A diferença entre informação e sabedoria continuará sempre a depender da nossa capacidade de pensar criticamente.

A UNESCO (2024) reforça que a alfabetização em IA deve incluir não só competências digitais, mas também formação ética e filosófica. A tecnologia só é sustentável se for justa, inclusiva e compreensível. É nessa perspectiva que o pensamento crítico se transforma em valor civilizacional. Ele garante que a inovação mantenha o seu propósito humano: melhorar a vida, e não apenas otimizá-la.

No campo da gestão, o pensamento crítico é igualmente vital. A tomada de decisões baseada em algoritmos exige que líderes compreendam as limitações e os vieses dos modelos de IA. Bohr e Kavehm (2023) destacam que a confiança nos sistemas inteligentes deve ser acompanhada por transparência, explicabilidade e supervisão contínua. O pensamento crítico permite equilibrar eficiência com responsabilidade, inovação com prudência.

A relação entre pensamento crítico e IA é, portanto, dialética: a IA desafia-nos a pensar melhor, e o pensamento crítico protege-nos dos excessos da própria IA. Esta interdependência define o novo humanismo digital, um movimento que não rejeita a tecnologia, mas exige que ela seja orientada por valores éticos e pela reflexão.

O pensamento crítico é o que nos distingue das máquinas e o que garante que elas continuem a servir-nos. Enquanto os algoritmos aprendem padrões, os humanos aprendem significados. A IA pode prever o que faremos; apenas o pensamento crítico pode decidir o que devemos fazer. É esse espaço entre o cálculo e a consciência que define o futuro da humanidade.

Como sublinha Nussbaum (2021), a verdadeira inteligência não está na capacidade de prever, mas na capacidade de compreender. A IA é poderosa porque calcula, mas o pensamento crítico é valioso porque interpreta. No cruzamento entre ambos está o destino ético da civilização digital.

Pensar para além do algoritmo é o desafio do nosso tempo. É escolher a reflexão em vez da

pressa, a ética em vez da neutralidade, o diálogo em vez do ruído. A inteligência artificial será o que o nosso pensamento crítico permitir que ela seja, ferramenta de emancipação ou de submissão. A escolha, como sempre, é humana.

Referências bibliográficas

Bohr, A., & Kavehm, K. (2023). *Artificial intelligence and human trust: Rebuilding transparency in digital decision-making*. Springer Nature.

Borenstein, J., & Howard, A. (2024). *Trust and ethics in human-AI interaction*. Cambridge University Press.

Bryson, J. (2024). *The human in the loop: Ethics and control in AI systems*. MIT Press.

Facione, P. A. (2022). *Critical thinking: What it is and why it counts* (2022 update). Insight Assessment.

Floridi, L. (2023). *The ethics of artificial intelligence: Principles, challenges, and opportunities*. Oxford University Press.

Habermas, J. (1984). *The theory of communicative action*. Beacon Press.

Nussbaum, M. (2021). *Creating capabilities: The human development approach*. Harvard University Press.

Siau, K., & Wang, W. (2023). *Artificial intelligence, critical thinking, and the future of education*. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, 5(2), 100–118.

<https://doi.org/10.1016/j.caeai.2023.100118>

Topol, E. (2023). *Deep medicine: How artificial intelligence can make healthcare human again* (2nd ed.). Basic Books.

UNESCO. (2024). *Ethics of artificial intelligence: Towards a human-centred future*. UNESCO Publishing.